

INFECÇÕES SEXUALMENTE TRANSMISSÍVEIS NA TERCEIRA IDADE: UMA VULNERABILIDADE QUE PERPASSA AS BARREIRAS DE ESTERÉOTIPOS

Igor de Sousa Nóbrega¹
Renally Chrystina de Araújo Rocha²
Luana de Souza Lima³
José Arthur Guimarães dos Santos⁴
Maria Sidney da Silva Soares⁵

RESUMO

O advento do fenômeno conhecido como “envelhecimento populacional” contribuiu para o prolongamento da vida sexual do público do idoso. No entanto, nota-se que esse fato passa despercebido por grande parte dos serviços de saúde e por políticas públicas que negligenciam ações de prevenção e promoção da saúde sexual voltadas à essa parcela da população. Em função disso e de outros fatores, vem-se observando um aumento progressivo no número de idosos acometidos por infecções sexualmente transmissíveis (IST), tornando essa problemática uma importante questão de saúde pública. Nessa perspectiva, o presente trabalho se insere para responder a seguinte questão: qual a repercussão na literatura atual acerca desta temática? Para isso, realizou-se um estudo de revisão bibliográfica nas bases de dados da BVS, SciELO e PubMed, empregando os descritores “IST” e “Elderly” intercalados pelo operador booleano AND. Foram incluídos para análise escritos disponíveis na íntegra, nos idiomas inglês, português e/ou espanhol, publicados entre os anos de 2014-2018 e excluídos os duplicados e que fugiam ao tema. Dada a coleta de dados, percebeu-se que a prática sexual desprotegida associada a crença, pelos profissionais da saúde, de que idosos não possuem vida sexual ativa e a quase inexistência de políticas públicas voltadas para saúde sexual desse grupo, propicia o crescimento exponencial de IST entre essa parcela da população. Ademais, hábitos como a baixa procura pelos serviços de saúde de forma periódica contribuem para a disseminação dessa problemática que por hora permanece negligenciada e sem a devida notoriedade.

Palavras-chave: Idosos, Infecções Sexualmente Transmissíveis, Vulnerabilidade.

INTRODUÇÃO

O Brasil e o mundo vivem um período de transição de demográfica. O aumento da expectativa de vida, a diminuição das taxas de mortalidade e o declínio das taxas de

¹ Graduando do Curso de Enfermagem da UniFacisa – Centro Universitário, PB, igordsn25@gmail.com;

² Graduanda do Curso de Enfermagem da UniFacisa – Centro Universitário, PB, renallychrystina@gmail.com;

³ Graduanda do Curso de Enfermagem da UniFacisa – Centro Universitário, PB, luanaadelimaa@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Enfermagem da UniFacisa – Centro Universitário, PB, arthurguimaraes60@gmail.com;

⁵ Doutorado em enfermagem pela UFPB. Coordenadora do curso de enfermagem da UNIFACISA, cidney.soares@unifacisa.edu.br.

fecundidade propiciaram a eclosão de um fenômeno denominado “envelhecimento populacional”, caracterizado pela transformação na estrutura etária, em que ocorre um aumento no predomínio da população idosa e, concomitantemente e inversamente proporcional, uma redução no segmento de jovens. De acordo com projeções das Nações Unidas, a população idosa aumentará de 3,1% em 1970 para 19% em 2050 (NASRI, 2008, p.1).

Nessa perspectiva, salienta-se que este fenômeno exige um processo de pronta adaptação do sistema de saúde pública, uma vez que ele está ocorrendo de maneira rápida e carece de ações pontuais voltadas para essa longevidade populacional. Conforme previsões do IBGE (2013), o Brasil se tornaria um país idoso em 2029, quando haveria 39,7 milhões de jovens (0-14 anos) contra 40,3 milhões de idosos (60 anos e mais) (ALVES, 2018), característica que já é realidade em países desenvolvidos (OLIVEIRA, 2016).

Dessa maneira, dada sua dimensão, o envelhecimento pode e deve ser considerado uma importante questão de saúde pública (BARBOSA et al., 2015). Ademais, por ser um processo multifatorial e que envolve uma série de vulnerabilidades, é de suma importância a prestação de uma assistência à saúde voltada a integralidade da pessoa idosa, rompendo com estereótipos já arraigados em uma sociedade constituída por paradigmas retrógrados.

Segundo Neto et al. (2015), o prolongamento da vida sexual em consonância com práticas inseguras, tem refletido num crescimento exponencial no número de idosos acometidos por infecções sexualmente transmissíveis (IST), refutando a ideia dos serviços de atenção à saúde que, por vezes, negligenciam essa problemática, uma vez que subentendem que o indivíduo idoso não possui uma vida sexual ativa, não representando, portanto, um grupo de risco para esse tipo de afecção. No entanto, deve-se deixar claro que a avaliação da saúde sexual é essencial no processo de atenção integral à saúde (TILLMAN, 2015).

A Organização Mundial da Saúde (OMS), 2018, estima a ocorrência de mais de um milhão de casos de infecções sexualmente transmissíveis por dia no planeta. Ao ano, calcula-se aproximadamente 357 milhões de novas infecções, entre HPV, clamídia, gonorreia, sífilis e tricomoníase. Entretanto, dados mais precisos sobre o índice de transmissão de IST, especificamente na população idosa, são escassos, por não serem doenças de notificação compulsória.

Assim, esse lança-se a seguinte questão norteadora: qual a repercussão na literatura atual sobre a temática?

Para responder esse questionamento, o presente estudo tem como objetivo expor a temática “vulnerabilidade dos idosos frente às infecções sexualmente transmissíveis” em consonância com bases de dados científicas, revelando a necessidade de se trabalhar esse tema e estimular a criação e adoção de medidas de cobertura assistencial e de visibilidade voltadas diretamente a essa problemática tão pertinente que envolve o público idoso, mas que não tem a representatividade e a notoriedade devida.

METODOLOGIA

Trata-se de uma revisão integrativa da literatura, de abordagem qualitativa e de caráter exploratório, com objetivo de compreender melhor o fenômeno de afecção de infecções sexualmente transmissíveis por idosos e torná-lo mais explícito, de modo que seja possível definir, delinear e propor hipóteses acerca da temática em questão.

O estudo foi realizado seguindo a sequência de 6 (seis) etapas, respectivamente: escolha do tema, seleção do objetivo e formulação da questão norteadora; definição dos critérios de inclusão e exclusão; realização de pesquisas para identificar e coletar o máximo de informações possível sobre o tema a ser abordado; avaliação do resultado da busca segundo os critérios de inclusão e exclusão; análise, interpretação e síntese criteriosa dos dados alcançados; formulação da conclusão acerca do produto.

Definiu-se como critério de inclusão os estudos disponíveis na íntegra, nos idiomas inglês, português e/ou espanhol e publicados no intervalo de tempo dos últimos quatro anos (2014-2018). Excluiu-se os estudos duplicados e que fugiam ao tema.

A busca foi realizada no período de abril a maio de 2019 nas bases de dados da Biblioteca Virtual de Saúde (BVS), *Scientific Electronic Library Online* (SciELO) e PubMed. Inicialmente, foram utilizados apenas descritores em inglês, *IST* e *Elderly*, e posteriormente em português, *IST* e *Idosos*. Sendo esses termos consultados previamente nos Descritores em Ciências da Saúde (DeCS). Ademais, para realizar as buscas, foram combinados com o operador booleano AND nas bases anteriormente mencionadas.

A amostra inicial compreendia 5461 artigos, combinando apenas os descritores com o operador booleano. Em seguida, aplicou os filtros correspondentes aos critérios de inclusão, obtendo-se o total de 389 escritos. A partir da leitura e análise de títulos e resumos e excluindo os trabalhos duplicados, selecionou-se 41 escritos. Após leitura criteriosa elegeu-se 17 artigos. Para a análise dos dados, o conteúdo dos artigos foi registrado em uma tabela contendo: nome do (s) autor (es) e ano de publicação, título da pesquisa e resultados obtidos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Nome do (s) autor (es) e ano de publicação	Título da pesquisa	Conclusões
PAULINO, et al., 2014.	Análise dos comportamentos sexuais de idosos cadastrados em uma Estratégia Saúde da Família.	O conhecimento sobre tais doenças apresentou-se satisfatório, pois a maior parte dos idosos mostrou possuir informação mínima sobre as formas de transmissão e vulnerabilidade. Quanto aos comportamentos sexuais, estes mostraram-se deficientes, principalmente diante da baixa utilização de preservativos e de realização do teste HIV.
TILLMAN, J.L.; MARK, H., 2015.	HIV and STI testing in older adults: an integrative review	Há oportunidades perdidas de identificar infecções sexualmente transmissíveis e vírus da imunodeficiência humana em idosos. Estereótipos e hipóteses impediram os provedores de identificar e testar idosos em risco para o vírus da imunodeficiência humana e infecções sexualmente transmissíveis.
SAGGIORATO; TREVISOL, 2015.	Percepções sobre AIDS e comportamento sexual em idosos da cidade de Tubarão, Santa Catarina	Verificou-se um maior conhecimento sobre AIDS e prevenção em pessoas em relacionamentos estáveis, sexarca com parceiro casual, e naqueles que realizaram o teste anti-HIV. Contudo, a média de acertos relativos à prevenção a AIDS foi baixa entre os idosos.
NETO, et al., 2015.	Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática.	Conclui-se que essa faixa etária permanece fora do foco das políticas públicas de promoção da saúde no contexto das DST, ocorrendo a necessidade de conscientização acerca das mudanças de comportamento e perfil epidemiológico nessa população.
BURIGO, et al., 2015.	Sexualidade e comportamento de idosos vulneráveis a doenças sexualmente transmissíveis	Em decorrência do aumento da longevidade e das facilidades oferecidas atualmente, práticas sexuais inseguras tornam os idosos mais vulneráveis a doenças sexualmente transmissíveis. Pelo estigma da sexualidade em idosos, a atenção é pouco eficaz por parte dos profissionais da área da saúde, além de faltar uma melhor investigação médica e campanhas que visem proporcionar um conhecimento de prevenção adequado a essa clientela. (AU).
MILROD; MONTO, 2016.	Condom Use, Sexual Risk, and Self-Reported STI in a Sample of Older Male Clients of Heterosexual Prostitution in the United States.	Os resultados demonstram a necessidade de informação em saúde geral e sexual pelos profissionais de saúde para discutir abertamente as medidas de proteção e estratégias para evitar DSTs entre seus pacientes homens idosos.
BRITO, et al., 2016.	Idosos, infecções sexualmente transmissíveis e AIDS: conhecimentos e percepção de risco.	A informação deve ser fornecida sobre os modos potenciais de transmissão, incluindo relações sexuais vaginais, orais e anais desprotegidas fora da parceria primária. Cabe aos organismos governamentais e não governamentais investir em práticas educativas, onde idosos possam ser inseridos em um ambiente que aborde a sexualidade, proporcionando maior segurança e qualidade de vida aos nossos cidadãos.

SÃO PAULO, 2016.	Manual de Oficinas Educativas sobre sexualidade e prevenção de DST/AIDS no idoso.	É importante disseminar conhecimento de forma simples e clara, tirando dúvidas e falando sobre saúde e bem-estar.
ANDRADE, et al., 2017.	Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis	Os resultados apontam para vulnerabilidade individual e programática dos idosos às IST. Sugerem-se estratégias que favoreçam a prática de sexo seguro e a educação permanente dos profissionais na temática.
SILVA; FRANÇA; HERNANDEZ, 2017.	Amor, atitudes sexuais e índice de risco às DST em idosos.	Quanto maior o nível global de amor, maior o risco às DST para as mulheres, que adotam uma orientação do sexo mais relacional e centrada na pessoa; os homens adotaram orientação mais recreacional e centrada no corpo; quanto maior a idade, menor o nível de permissividade e menor será o risco às DST.
HAVERSETH, 2017.	Sexual Behavior in Germany.	Entre alguns grupos de pessoas, exames de medicina sexual de rotina podem ajudar a conter a disseminação de infecções sexualmente transmissíveis. Um componente de tais exames deve ser um questionamento sensível sobre os tipos de comportamento sexual que estão associados a um alto risco de infecção.
LYONS, et al., 2017.	The Sex, Age, and Me study: recruitment and sampling for a large mixed-methods study of sexual health and relationships in an older Australian population.	As pessoas idosas são frequentemente excluídas de grandes estudos de saúde sexual, pois supõe-se que elas não estão fazendo sexo ou relatam em falar sobre assuntos delicados e, portanto, são difíceis de recrutar. Este estudo fornece evidências para desafiar as suposições de que pessoas idosas não participarão de estudos relacionados à saúde sexual.
LYONS, et al., 2017.	Sexually active older Australian's knowledge of sexually transmitted infections and safer sexual practices.	Muitos australianos idosos não têm conhecimento sobre DSTs e práticas sexuais mais seguras. Implicações para a saúde pública: políticas e campanhas educacionais voltadas para a melhoria do conhecimento podem precisar ser consideradas.
CARVALO, et al., 2017.	AIDS depois dos 50 anos: incidência de 2003 a 2013 em São José do Rio Preto, SP, e a percepção dos idosos de uma Unidade Básica de Saúde sobre a doença	Nota-se instabilidade na incidência de AIDS no município; contudo, no período estudado ocorreu diminuição significativa dos casos. A maioria dos entrevistados não possuía conhecimentos sobre a AIDS, mas os panfletos se mostraram uma ferramenta simples e eficaz.
LIMA; MOREIRA; SILVA, 2018.	Revisão sistemática sobre o olhar do idoso acerca das IST e do HIV/AIDS	Os serviços de saúde devem atentar para esses usuários com uma perspectiva voltada para longevidade e envelhecimento saudável, abordando medidas preventivas para essas doenças e promovendo ambiente de promoção da saúde, no tocante a hábitos sexuais salutareos.
LIMA; PAREDES, 2018.	Uso de cartilha na orientação ao idoso quanto as IST e HIV/AIDS	Conclui-se que essa faixa etária permanece fora do foco. Em virtude do crescente aumento da população com mais de 60 anos, atrelado ao grande número de idosos infectados com HIV/Aids faz-se necessário formular novos instrumentos para assistência à saúde da população idosa. A cartilha acerca das infecções permitirá o conhecimento e promoverá mudanças de práticas, ajudando na implementação de políticas públicas, e contribuindo para prevenção e o diagnóstico precoce, com efeito no número de idosos infectados.
VITHALANI; HERREROS-VILLANUEVA, 2018.	HIV Epidemiology in Uganda: survey based on age, gender, number of sexual partners and frequency of testing.	Execução robusta de métodos tais como a formação e o teste frequente podem diminuir ainda mais a prevalência do HIV.

TABELA 1: Distribuição dos artigos analisados após análise criteriosa.

Os escritos analisados revelam que os idosos compreendem um grupo de risco de relevância global para aquisição de infecções sexualmente transmissíveis (IST), muito embora, na maioria das vezes, se encontrem excluídos de estratégias de prevenção e promoção da saúde pelos próprios profissionais da área que, erroneamente, intuem que as pessoas idosas possuem uma vida sexual inativa (PAULINO, et al., 2014), (TILLMAN, J.L.; MARK, H., 2015), (LYONS, et al., 2017), (ANDRADE, et al., 2017) (LIMA; PAREDES, 2018) . Segundo Nguyen (2008, p.3, apud NETO et al., 2015, p. 6), dados da Organização Mundial da Saúde (OMS) e da UNAIDS (*Joint United Nations Program on HIV/AIDS*), demonstram que cerca de 40 milhões de pessoas no mundo vivem com HIV/AIDS, dentre as quais 2,8 milhões têm 50 anos ou mais.

Os avanços da medicina e da tecnologia associados às melhores condições de vida, propiciaram um aumento nas taxas de envelhecimento populacional, ou seja, atualmente as pessoas vivem mais e melhor, com isso, viu-se também um prolongamento da vida sexual desse público (BURIGO, et al., 2015). Entretanto, esse fato trouxe consigo um aumento no número de infecções sexualmente transmissíveis acometendo essa parcela da população, sendo atribuído como principal fator de risco para esse tipo de afecção nesse público a prática sexual sem preservativo (PAULINO, et al., 2014), (NETO, 2015). Deve-se esse fato a aspectos socioculturais característicos dessa faixa etária acrescidos à crença de imunidade referida por indivíduos que pertencem a esse grupo (PAULINO, et al., 2014).

No Brasil, conforme o boletim epidemiológico HIV/Aids de 2018, publicado pelo Ministério da Saúde, as porcentagens dos casos de HIV notificados pelo Sinan, no referido ano, em pessoas com 55 a 59 anos e 60 ou mais correspondem a 3,3% e 3,6% do total, em cada uma dessas respectivas faixas etárias, fato preocupante que apesar da relevância não tem a devida visibilidade. Além disso, é possível identificar outros tipos de IST associadas à pessoas idosas, no entanto, acredita-se que os números dos dados que dispomos hoje sejam inferiores ao que de fato representa nossa realidade, tendo em vista os crescentes números de subnotificações em função de três fatores: negligência dos profissionais da área da saúde, em razão dos fatos já mencionados, a não obrigatoriedade da notificação compulsória de algumas dessas infecções e a baixa procura dos próprios idosos aos serviços de saúde para tratar de assuntos referente a essa temática (MILROD; MONTO, 2016).

Ademais, os estudos demonstram que embora haja idosos que saibam o mínimo acerca de ISTs, esse conhecimento ainda é insatisfatório e a falta de algo mais aprofundado, preciso e contextualizado pode facilitar a aquisição e disseminação desse tipo de afecção, haja vista que muitos não têm dimensão sobre os diferentes modos de transmissão, os riscos que se expõem em relações sexuais desprotegidas e os prejuízos para a saúde e bem-estar gerados por essa problemática, assim como não têm instruções adequadas acerca de medidas de prevenção e promoção da saúde (PAULINO, et al., 2014), (MILROD; MONTO, 2016), (SÃO PAULO, 2016.), (LYONS, et al., 2017).

Criação e adoção de medidas de cobertura e de visibilidade:

Em consonância com Gardim, Sousa e Lobo (2007, apud BRITO et al., 2016), a visão deturbada acerca do idoso como um indivíduo assexuado contribui de maneira significativa para a quase inexistência de proposições de estratégias voltadas a esse público. Além disso, aponta-se também a baixíssima visibilidade da temática em questão como um fator crucial nessa perspectiva de carência de ações (LIMA; MOREIRA; SILVA, 2018). Nesse contexto, os trabalhos analisados reiteram a imprescindível necessidade dos órgãos governamentais investirem na criação e na adoção de políticas públicas voltadas para esse âmbito, incluindo capacitações para os profissionais da saúde, campanhas para chamar a atenção de toda a população e romper estereótipos e a adoção de práticas educativas para esse público idoso, de modo que seja possível atingir uma integralidade na assistência, assim como conferir segurança e, conseqüentemente, qualidade de vida à essa parcela da população (ANDRADE, et al., 2017), (BRITO, et al., 2016).

Embora atualmente exista pesquisas sobre essa temática, a quantidade ainda é muito discreta (NETO, et al., 2015). Desse modo, a necessidade de se trabalhar mais essa questão e de provocar reflexões sobre ela representa um desafio a ser superado. Segundo Bachus (1998, p. 11), as estratégias podem partir tanto de campanhas com folhetos informativos, propagandas e/ou até mesmo discussões em grupo (apud NETO, 2015, p. 10). Além disso, a articulação entre os níveis de administração pública e setor privado e com conseqüente planejamento de estratégias representam medidas fundamentais, tendo em vista a magnitude da força desses setores que somadas podem contribuir significativamente para a criação de medidas que deem visibilidade e que cubram as necessidades dos idosos perante essa problemática exposta.

Outro fato relevante levantado pelos estudos analisados é a preocupação de algumas cidades brasileiras em criar manuais, cartilhas e outros meios que favoreçam a disseminação de conhecimento e a implantação de políticas públicas, dando subsídio a ideologia da necessidade de contribuir para prevenção e promoção da saúde dos idosos no âmbito das ISTs e fomentando a adoção desses tipos de medidas simples e eficazes por outras localidades (SÃO PAULO, 2016), (LIMA; PAREDES, 2018).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da análise dos artigos selecionados, fica evidente que o público idoso representa um grupo de risco para aquisição de infecções sexualmente transmissíveis, no entanto, por vezes, essa parcela da população se encontra negligenciada pelos serviços de saúde e pelas estratégias públicas de prevenção e promoção da saúde voltadas para esse âmbito, devido, principalmente, a falsa ideologia de que o idoso não possui vida sexual ativa. Sendo assim, podemos observar, anualmente, o crescimento nos números de casos de idosos acometidos por esse tipo de afecção. Fator preocupante que requer a atenção tanto dos órgãos governamentais quanto da sociedade civil, haja vista que a falta de esclarecimento e a manutenção de estereótipos e paradigmas obsoletos contribuem para a manutenção desse quadro alarmante.

O baixo número de pesquisas acerca dessa temática também representa um desafio a ser vencido. Os idosos já representam o maior grupo etário de muitos países desenvolvidos e em pouco tempo constituirão o maior grupo etário do Brasil e de outros diversos países ao redor mundo. Nesse sentido, assisti-los integralmente representa mais do que um ato de comprometimento e cidadania, representa uma necessidade imprescindível de saúde pública.

REFERÊNCIAS

1. NASRI, Fabio. **O Envelhecimento Populacional no Brasil**. Revista Einstein, 2008. Disponível em: <<http://apps.einstein.br/revista/arquivos/PDF/833-Einstein%20Suplemento%20v6n1%20pS4-6.pdf>> Acesso em: 12 mai. 2019.
2. ALVES, J.E.D. **O Envelhecimento Populacional Segundo as Novas Projeções do IBGE**. Revista IHU, 2018. Disponível em: <<http://www.ihu.unisinos.br/78-noticias/582356-o-envelhecimento-populacional-segundo-as-novas-projecoes-do-ibge>> Acesso em: 12 mai. 2019.

3. OLIVEIRA, A.T.R. **Envelhecimento populacional e políticas públicas: desafios para o Brasil no século XXI.** Revista Brasileira de Geografia Econômica, 2016. Disponível em: <<https://journals.openedition.org/espacoeconomia/2140>> Acesso em: 12 mai. 2019.
4. Departamento de Vigilância, Prevenção e Controle das Infecções Sexualmente Transmissíveis, do HIV/Aids e das Hepatites Virais, Secretaria de Vigilância em Saúde, Ministério da Saúde (DIAHV/SVS/MS), **Boletim epidemiológico HIV/Aids**, 2018. Disponível em: <<http://www.aids.gov.br/pt-br/pub/2018/boletim-epidemiologico-hivaid-2018>> Acesso em: 12 mai. 2019.
5. NETO, et al. **Doenças sexualmente transmissíveis em idosos: uma revisão sistemática.** Ciência & Saúde Coletiva [online]. 2015, v. 20, n. 12, pp. 3853-3864. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232015001203853&lng=pt&tlng=pt> Acesso em: 29 abr. 2019.
6. TILLMAN, J.L.; MARK, H. **HIV and STI testing in older adults: an integrative review.** Wiley Online Library. 2015, v. 24, e. 15-16, pp. 2074-2095. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1111/jocn.12797>> Acesso em: 29 mai. 2019.
7. ANDRADE, J. et al. **Vulnerabilidade de idosos a infecções sexualmente transmissíveis.** Acta paul. enferm., São Paulo, v. 30, n. 1, p. 8-15, 2017. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S010321002017000100008&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 29 mai. 2019.
8. CARVALO, N.Z. et al. **AIDS depois dos 50 anos: incidência de 2003 a 2013 em São José do Rio Preto, SP, e a percepção dos idosos de uma Unidade Básica de Saúde sobre a doença.** DST - J bras Doenças Sex Transm 2017; v.29, p. 85-90. Disponível em: <<http://www.jbdst.inpub.solutions/publicas/jbdst/arquivos/151396722861C048BXEN3NRFC27MOE2OCYMV2AYK/2177-8264-JBDST-29-03-85.pdf>> Acesso em: 30 mai 2019.
9. LIMA, L.B.G.; MOREIRA; M.A.S.P. **Uso de cartilha na orientação ao idoso quanto as IST e HIV/AIDS.** Revista Online de Pesquisa Cuidado É Fundamental. Anais do VII fórum nacional de mestrados profissionais em enfermagem, 2018. v. 10(3, n. esp): 236-238. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/7660/6629>> Acesso em: 30 mai 2019.
10. LIMA, L.B.G.; MOREIRA; M.A.S.P. **Revisão sistemática sobre o olhar do idoso acerca das ist e do hiv/aids.** Revista Online de Pesquisa Cuidado É Fundamental. Anais do VII fórum nacional de mestrados profissionais em enfermagem, 2018. v. 10(3, n. esp): 239-244. Disponível em: <<http://www.seer.unirio.br/index.php/cuidadofundamental/article/viewFile/7660/6629>> Acesso em: 30 mai 2019.
11. VITHALANI, J.; HERREROS-VILLANUEVA, M. **HIV Epidemiology in Uganda: survey based on age, gender, number of sexual partners and frequency of testing.** Afri Health Sci. 2018; v. 18 n. 3: 523-530. Disponível em: <<https://www.ajol.info/index.php/ahs/article/view/176093/165493>> Acesso em: 5 mai 2019.
12. HEVERSATH, J. et al. **Sexual Behavior in Germany.** *Dtsch Arztebl Int*; v. 114 n. (33-34): 545-550, 2017. Disponível em: <<https://www.aerzteblatt.de/int/archive/article?id=193180>> Acesso em: 5 mai 2019.
13. SILVA, L.A.; FRANÇA, L.H.F.P.; HERNANDEZ, J.A.E. **Amor, atitudes sexuais e índice de risco às DST em idosos**, 2017. Estud. pesqui. psicol. (Impr.); v. 17, n. 1: 323-342. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/35121/25544>> Acesso em: 5 mai 2019.
14. LYONS, A. et al. **The Sex, Age, and Me study: recruitment and sampling for a large mixed-methods study of sexual health and relationships in an older Australian population**, 2017. Cult Health Sex; v. 19, n. 9: 1038-1052. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13691058.2017.1288268?scroll=top&needAccess=true>> Acesso em: 5 mai 2019.

15. LYONS, A. et al. **Sexually active older Australian's knowledge of sexually transmitted infections and safer sexual practices**, 2017. Aust N Z J Public Health; v. 41, n. 3: 259-261. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/13691058.2017.1288268?scroll=top&needAccess=true>> Acesso em: 5 mai 2019.
16. BRITO, M.A.I. et al. **Idosos, infecções sexualmente transmissíveis e AIDS: conhecimentos e percepção de risco**, 2016. ABCS health sci; v. 41, n. 3: 140-145. Disponível em: <<https://www.portalnepas.org.br/abcs/article/view/902/744>> Acesso em: 12 mai 2019.
17. MILROD, C.; MONTE, M. **Condom Use, Sexual Risk, and Self-Reported STI in a Sample of Older Male Clients of Heterosexual Prostitution in the United States**, 2016. Am J Mens Health; v. 10 n. 4: 296-305. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1557988315623990>> Acesso em: 12 mai 2019.
18. São Paulo (Estado). Secretaria da Saúde. Coordenadoria de Serviços de Saúde. Instituto Paulista de Geriatria e Gerontologia. **Manual de Oficinas Educativas sobre sexualidade e prevenção de DST/AIDS no idoso**. São Paulo; s.n; 2016. 22 p. ilus, tab. Disponível em: <[file:///C:/Users/55839/Downloads/Manual-de-oficinas-educativas%20\(2\).pdf](file:///C:/Users/55839/Downloads/Manual-de-oficinas-educativas%20(2).pdf)> Acesso em: 12 mai 2019.
19. SAGGIORATO, A.K.S. et al. TREVISOL, F.S. **Percepções sobre AIDS e comportamento sexual em idosos da cidade de Tubarão, Santa Catarina**, 2015. DST j. bras. doenças sex. transm; v. 27 n. 1-2: 29-34. Disponível em: <http://www.dst.uff.br/revista27-1-2-2015/DST_v27n1-2_29-34_IN.pdf> Acesso em: 12 mai 2019.
20. BURIGO, G.F. et al. **Sexualidade e comportamento de idosos vulneráveis a doenças sexualmente transmissíveis**, 2015. CuidArte, Enferm; v. 9, n. 2: 148-153. Disponível em: <<http://fundacaopadrealbino.org.br/facfipa/ner/pdf/Revista%20CuidArt%20-%20Jul%20-Dez%202015.pdf>> Acesso em: 12 mai 2019.
21. PAULINO, M.C.F.O. et al. **Análise dos comportamentos sexuais de idosos cadastrados em uma Estratégia Saúde da Família**, 2014. Rev. Kairós; v. 17, n. 4: 49-61. Disponível em: <<file:///C:/Users/55839/Downloads/23396-60323-1-SM.pdf>> Acesso em: 12 mai 2019.